

PIRES, Mário. "Número, faz favor!...". Diário do Povo, Campinas, 15 jan 1983.

## "Número, faz favor!..."

*Diário do Povo 15.1.83*

Mário Pires

Os notáveis campineiros Plínio Barreto, maestro Santana Gomes e Ernesto de Souza Campos, são três dos vultos que estarão no 2º volume de meu livro "Campinas -- Sementeira de Ideais", já em preparo. Este ano (1982), ocorreu o centenário do primeiro e do último e homenageei-os na Academia Campinense de Letras e na Associação Paulista de Imprensa, com o comparecimento, nesta, dos ilustres filhos de Plínio Barreto, Juiz Caio Plínio Barreto e dona Lúcia Barreto.

Hoje homenageio novamente o ilustre médico e engenheiro Ernesto de Souza Campos, que foi membro de nossa Academia, como seu "sócio-honorário". Para isso, recorro ao expressivo livro de uma ilustre filha do homenageado, a escritora e poetisa Lia Campos Ferreira, lançado há pouco em São Paulo; tem o sugestivo título de "Número, Faz Favor! — Central, 2508"; porque, como explica a autora, esse era o número do telefone da casa paterna, quando, no início do século, residiam na tradicional Rua 24 de Maio, na Capital.

Antes do mais, é meu dever agradecer efusivamente ao meu ilustre e bom amigo professor Antônio D'Ávila, atual presidente da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, que me remeteu um exemplar do livro. Li o volume de pouco mais de cem páginas, repleto de valiosíssima iconografia, de uma só assentada, tal o fascínio de suas páginas e as mil coincidências que apresenta, em relação à minha meninice e adolescência, passadas em São Paulo.

Sua leitura é como a visão de velho filme, em que se vão desenrolando cenas, tipos, lugares tão familiares e caros para a minha sensibilidade!

A feliz autora, que relembra e homenageia o ilustre progenitor com profunda admiração, amor e entusiasmo, como inspirada poetisa que é, transforma as folhas de seu livro num relicário poético, lírico, saudoso, exaltando a nobre e terna figura do pai, que é seu grande orgulho.

E aos meus olhos marejados de saudade, vou lendo coisas que profundamente marcaram meus primeiros dias, passados na bela, humana e sossegada São Paulo das décadas de 20 e 30, quando, ao contrário do injusto epíteto de Mário de Andrade, longe de ser uma "Paulicéia Desvairada", dava gosto de se viver. Tanto assim, que a família do grande campinense residia numa das hoje ruas centrais da Capital, na época, residencial, apenas dela destoando, o belo e magnífico Teatro Santana, onde tantas vezes assisti a espetáculos extraordinários, inclusive com o saudoso Procópio Ferreira!

E como não me emocionar, constatado tantas coisas comuns entre a ilustre autor e meu viver em São Paulo.

Pena, que em simples artigo de jornal, não se possa extravasar tudo o que o livro revela e que nos inspira. Vou lendo, com o coração na mão, quando a autora recorda o refrigerante "Sissi", lembrando-me que a Antártica fabricava mais dois, o guaraná-champagne e a gasosa. E como o time do Palestra Itália possuía o melhor trio de médios — como se chamava a intermediária naqueles tempos — Pepe, Amílcar e Serafim, os torcedores alcunharam-nos de "Sissi, Gasosa e Guaraná"!

Lembro-me, sim, da Padaria Ayrosa, na Avenida São João; dos deliciosos "rebuçados", tradicionais balas queimadas de origem lusitana; ah! a "Vovó do Pito"! E a poetisa dedica-lhe estes expressivos versos: "Era uma velha curvada/

Por nossa rua passava,/ andando devagarinho./ Um grande chapéu de palha/ a cabeça lhe cobria, E na boca ressequida,/ o cachimbo fumegava..."

Lembro-me — oh!, se me lembro! — do velho acendedor dos saudosos lampiões de gás! E a autora informa que depois da volta da família, dos Estados Unidos, onde Ernesto de Souza Campos fora lecionar e pesquisar, foram residir na velha Rua General Osório, onde passei quase toda a infância na casa paterna, assistindo, em 1924, horrorizado, os canhões e os tiroteios da terrível Revolução de Isidoro, em 1924!

Leio, também, com emoção, o nome do extraordinário médico ortopedista doutor Luiz de Rezende Puech, como companheiro de Ernesto de Souza Campos, no projeto e construção do majestoso conjunto de edifícios da Faculdade de Medicina, em frente ao Cemitério do Araçá. Pois fiquei devendo ao doutor Puech, como a sua ciência, a recuperação de minha locomoção, depois de ter ficado paralisado das duas pernas, de janeiro de 1928 até fins de 29! Depois de passar por vários médicos, massagistas e até curandeiros, esse extraordinário médico foi insistentemente recomendado por amiga de minha saudosa mãe.

Mas, a consulta era altíssima para a época: cem mil réis e meus pais lutavam muito para manter o lar e educar os três filhos!

Lia Campos Ferreira, feliz autora deste maravilhoso livro de reminiscências, promete um segundo volume, que aguardarei interessado, não só para encanto e emoção, como porque tem ela ainda muito que contar sobre a vida-intensa e vitoriosa do ilustre progenitor.